

A identidade dos imigrantes africanos no romance *Tais-toi et meurs*

Paula Souza Dias Nogueira *

Álvaro Silveira Faleiros **

Resumo: O presente artigo apresenta uma análise do romance *Tais-toi et meurs* (2012), de Alain Mabanckou, escritor congolês que elabora, em muitas de suas obras, narrativas focadas em temas como identidade, imigração, hibridismo cultural, metalinguagem, de forma a questionar o uso da língua francesa como língua de escrita e a própria relação entre as antigas colônias e as grandes potências. Assim como outros autores da segunda geração pós-colonial, é clara a influência que o percurso pessoal de Mabanckou tem em suas obras, de maneira que os temas supracitados apresentam, muitas vezes, marcas de sua própria biografia. Em nossa análise, nos focaremos notadamente na questão da identidade, central no caso desse romance, discutida sob a ótica do personagem de Julien, imigrante congolês. Como base teórica, destacaremos os estudos feitos por Stuart Hall sobre a identidade na pós-modernidade.

Palavras-chave: Alain Mabanckou; identidade pós-colonial; literatura de expressão francesa

L'identité des immigrants africains dans le roman *Tais-toi et meurs*

Résumé: Cet article présente une analyse du roman *Tais-toi et meurs* (2012), d'Alain Mabanckou, écrivain congolais qui travaille, dans plusieurs de ses livres, des thèmes tels que l'identité, l'immigration, l'hybridité culturelle, la mise en abyme, de façon à questionner l'utilisation du français comme langue d'écriture et la relation entre les anciennes colonies et les grandes puissances. Comme d'autres auteurs de la deuxième génération post-coloniale, il est clair l'influence que le parcours personnel de Mabanckou a dans ses œuvres, de sorte que les thèmes mentionnés ci-dessus revèlent souvent sa propre biographie. Dans notre analyse, nous allons nous concentrer en particulier sur la question de l'identité, centrale dans le cas de ce roman, discutée du point de vue du personnage de Julien, immigré congolais. Comme apport théorique, nous mettons en évidence les études menées par Stuart Hall sur l'identité dans la postmodernité.

Mots-clés: Alain Mabanckou; identité postcoloniale; littérature d'expression française.

The identity of african immigrants in romance *Tais-toi et meurs*

Abstract: It presents an analysis of the novel *Tais-toi et meurs* (2012), by Alain Mabanckou, a Congolese writer who elaborates, in many of his books, narratives focused on themes such as identity, immigration, cultural hybridity, metalanguage. Questioning the use of French language as the language of writing and the own relationship between the antique colonies and the major powers of the World. As some authors of second postcolonial generation, the influence of Mabanckou's personal journey has on his works is clear. So that the themes mentioned often have more or less faithful marks of his own biography. This analysis, it will be focus on the question of identity, central to this novel, discussed in the perspective of the character of Julien, a Congolese immigrant. As a theoretical basis, we highlight the studies made by Stuart Hall on identity in postmodernity.

Keywords: Alain Mabanckou; Postcolonial identity; French literature.

* Mestranda no programa de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2014/22068-9). Contato: paula.nogueira@usp.br.

** Doutor em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (2003). É professor livre-docente de Literatura Francesa da USP. Tem experiência na área de Poesia e Tradução, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução, poética comparada e poesia. É também tradutor, poeta e cancionista. Contato: faleiros@usp.br.



1 Introdução

No mundo pós-moderno, globalizado, fala-se de identidade não mais definida biologicamente, mas historicamente. Hoje em dia, existem múltiplas identidades para cada sujeito, que variam conforme o momento e contexto em que estão eles inseridos. Muitos estudiosos se debruçaram sobre essas mudanças sociais ao longo do tempo, desde Marx, ainda no século XIX, ao analisar o sistema capitalista, até intelectuais contemporâneos como o sociólogo jamaicano Stuart Hall, falecido recentemente, em 2014, referência no campo dos estudos culturais.

Segundo Hall (2006), baseando-se nos estudos de David Harvey (1989), Ernest Laclau (1990) e Anthony Giddens (1990), a modernidade se caracteriza pela descontinuidade e pela possibilidade de formar novas articulações, ou seja, a identidade, que no passado era tida como estável e fixa, passa a ser vista como processo em andamento, englobando uma falta de inteireza que é preenchida pelo outro. As identidades são múltiplas, se criam e recriam, articulam e desarticulam.

Hall (2006) destaca cinco eventos que alavancaram essa mudança na questão identitária na segunda metade do século XX: 1) A teoria de Marx, na qual os indivíduos agem de acordo com condições históricas criadas por outros — não há mais uma essência do homem e sim sua relação com o exterior; 2) Freud e a descoberta do inconsciente: a partir desse momento, entende-se que a identidade — assim como a sexualidade e os desejos — é formada com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente; 3) Foucault e o poder disciplinar: o intelectual define que o poder disciplinar preocupa-se em vigiar e regulamentar as populações, mas também os indivíduos, seus corpos e mentes; 4) O feminismo: emerge nos anos 1960, politizando a subjetividade, a identidade, a vida social, colocando em pauta as diferenças sexuais; 5) Saussure e a língua: o linguísta define que a língua é um sistema social, não individual, portanto nós não somos “autores” de nossas afirmações, pois elas fazem parte do sistema de regras e significados da língua. Fica claro, então, que a língua está relacionada à cultura, que por sua vez se relaciona à identidade. Logo, definimos nossa identidade através da língua, opondo o “eu” ao “outro”. As palavras, no entanto, não têm significado fixo e fechado, são multimodulares.



Esse último item, o da língua, é o mais importante para pensarmos sobre a identidade especificamente no caso dos escritores pós-coloniais de língua francesa. Para eles, além de estarem inseridos nesse contexto da segunda metade do século XX examinado por Hall (2006), existe uma questão central que é a da diglossia, ou seja, o fato de falarem uma língua materna, ou vernacular, em situações familiares e outra língua, imposta — no caso, o francês —, em situações formais, como é o caso da escrita. Isso faz com que despontem várias indagações, tais como: escrever em francês é estar submisso, ainda, ao poder colonial? O que é língua materna? É a língua falada em casa? É a aprendida na escola? O que define a identidade de uma pessoa: o país em que nasceu? A língua que aprendeu primeiro?

Essas questões aparecem nas literaturas dos autores pós-coloniais através do uso que fazem da língua, deixando ressoar outras línguas dentro da escrita em francês ou, em outros casos, escrevendo em língua autóctone. Segundo Hall (2006), discorrendo sobre o trabalho de Saussure, “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (HALL, 2006, p. 40)¹, o que quer dizer, resumidamente, que língua e cultura não podem ser dissociadas. Assim, ao brincarem com as possibilidades linguísticas do francês e mesclarem elementos vindos de outras línguas, os autores francófonos estão, também, revelando traços de suas culturas africanas, o que acaba por evidenciar que suas identidades são híbridas e estão em constante modificação.

Outro ponto fundamental para a construção dessa nova visão sobre a identidade pós-moderna é, definitivamente, o processo de migração das antigas colônias para as grandes potências, em outras palavras, a movimentação que vai da periferia para o centro, fazendo com que as próprias noções de periferia e centro sejam contestadas e se desloquem.

Para os autores de língua francesa da segunda geração pós-colonial, a saber, a partir dos anos 1960, a temática da identidade se mostra bastante atrelada à da imigração, que começa a ser discutida e colocada em pauta nessa época, com o início do processo de independência de vários países africanos. Nesse momento, os romances passam a retratar os problemas e absurdos do sistema pós-colonial, e os escritores já se veem inseridos em um contexto familiar híbrido: muitas famílias apresentam trajetórias de imigração, consequência

¹ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



não apenas das independências, mas também da Segunda Guerra Mundial. Assim, eles mostram um lado autobiográfico em suas obras, que revelam traços de suas vidas errantes, o que significa que vários de seus personagens são imigrantes e passam por um processo de questionamento sobre suas raízes e sua identidade, sentindo-se muitas vezes desenraizados, não pertencendo nem à cultura de origem nem à cultura de adoção.

Se por vezes os personagens fogem a esse padrão, mantêm, no entanto, o caráter marginal, descentralizado, próprio das sociedades pós-modernas e das literaturas desse período, que, muitas vezes, desconstrói a visão unitária e estável do mundo, produzindo narrativas fragmentadas, híbridas, desestabilizadas. Esse tipo de questionamento começa com as independências e vai se fortalecendo com o passar do tempo, à medida que as noções de território, língua e identidade vão sendo desconstruídas.

A identidade, sendo doravante vista como em constante formação, sofre influências externas, misturando o que é local com o que é global. Isso significa que os laços formados no mundo pós-moderno vão além do nível de estado-nação. Permanece bastante forte, no entanto, a ideia tradicional de identidade nacional unificada no que diz respeito a assuntos legais, burocráticos e de cidadania, e é aí que a questão da imigração se complica.

Apesar de saber-se que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2006, p. 48; grifo do autor), o trânsito de pessoas pelo mundo apresenta regras rígidas e barreiras políticas, e assim a especificação da nacionalidade se torna um fato preponderante. Não é à toa que o tema da imigração vem se tornando cada vez mais presente nos noticiários e na vida da população europeia, desde que o fluxo migratório de países do Oriente Médio e do norte da África para países europeus voltou a crescer, em 2011, apesar da crise na zona do euro. Vários motivos levaram a esse aumento, como a intolerância religiosa, a fome, a pobreza, as mudanças de governo, a guerra. A partir daí a imigração europeia de refugiados só vem aumentando ano após ano, principalmente com o estopim das revoltas populares no mundo árabe e, conseqüentemente, com a interferência de grandes potências, como a França, nesses conflitos, provocando o início de uma guerra. Então, muitas das nações da União Europeia, a despeito da configuração atual de cruzamento de fronteiras e maior circulação de pessoas, começaram a tomar medidas políticas xenófobas, o que despertou o preconceito e o racismo e acirrou os ânimos de ambos os lados. Diz-se que é a maior onda migratória no continente europeu depois da Segunda Guerra Mundial.



Hall (2006) identifica que o contexto de imigração atual contribui para a formação de identidades que

atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). (HALL, 2006, p.88-89; aspas e grifos do autor).

Essa visão pode ser percebida no discurso dos autores pós-coloniais, assim como em seus romances, nas falas dos personagens imigrantes. É também marcante no discurso acerca do conceito de “literatura-mundo em francês”, criado em 2007 por 43 escritores que, cansados de serem enquadrados em uma categoria literária ainda sujeita ao poder máximo da literatura francesa, tida como superior, reivindicam uma nova concepção de suas literaturas, considerando justamente o cenário mundial pós-moderno e suas respectivas trajetórias pessoais, que revelam o hibridismo e a movência próprias de nossa época atual.

Esses escritores, distanciando-se tanto da origem africana quanto do acolhimento estrangeiro, buscam um novo espaço identitário e literário, transpassando as barreiras territoriais até então bastante acentuadas. Segundo o manifesto, publicado no *Le Monde* em 15 de março de 2007:

O centro, esse ponto a partir do qual uma literatura franco-francesa supostamente irradia não é mais o centro. O centro até aqui, mesmo se cada vez menos, tinha tido essa capacidade de absorção que obrigava os autores vindos de alhures a se livrar de suas bagagens antes de se entregar ao cadinho da língua e de sua história nacional: o centro, nos dizem os prêmios do outono, é doravante em todo lugar, aos quatro cantos do mundo. Fim da francofonia. E nascimento de uma literatura-mundo em francês. (LE MONDE, 2007)²

² Tradução nossa. No original : “Le centre, ce point depuis lequel était supposée rayonner une littérature franco-française, n'est plus le centre. Le centre jusqu'ici, même si de moins en moins, avait eu cette capacité d'absorption qui contraignait les auteurs venus d'ailleurs à se dépouiller de leurs bagages avant de se fondre dans le creuset de la langue et de son histoire nationale: le centre, nous disent les prix d'automne, est désormais



Esse trecho do manifesto mostra como a posição defendida por Hall (2006), supracitada — de que as pessoas “dispersadas” de sua terra de origem carregam em si a mistura de várias culturas e histórias, não pertencendo mais a apenas um lugar, mas a uma pluralidade de lugares —, pode ser sentida pelos escritores contemporâneos, que também percebem a mudança dos tempos e almejam transpor isso para o âmbito literário.

2. Alain Mabanckou e a identidade: *Tais-toi et meurs*

Um dos signatários do manifesto *Por uma Literatura-Mundo em francês* e, atualmente, um dos autores de língua francesa mais conhecidos na Europa e nos Estados Unidos é Alain Mabanckou, de origem congoleza. Possui uma vasta produção de romances e também algumas coletâneas de poesia, e seus livros abordam a questão da identidade e da imigração de maneira preponderante. Nascido em 1966 em uma pequena cidade no sul da República do Congo, constrói uma trajetória bastante dinâmica: muda-se para Pointe-Noire aos 6 anos, depois mora em Brazaville durante os estudos universitários, os quais termina em Paris. Por fim, em 2002 recebe um convite para lecionar na Universidade de Los Angeles, onde morou até este ano.

Sua ideia sobre identidade, assim, foi se modificando a partir do contato com as várias culturas e países pelos quais passou, conforme atesta em *Le sanglot de l’homme noir*:

[...] minha concepção de identidade ultrapassa de muito longe as noções de território e de sangue. Cada encontro me nutre [...]. Seria inútil se limitar ao território, ignorar a multiplicação de interferências e, ademais, a complexidade dessa nova era que nos liga uns aos outros, longe das considerações geográficas.³ (MABANCKOU, 2012, p. 59)

partout, aux quatre coins du monde. Fin de la francophonie. Et naissance d'une littérature-monde en français”. Acessível em : <http://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html>.

³ Tradução nossa. No original : “[...] ma conception de l’identité dépasse de très loin les notions de territoire et de sang. Chaque rencontre me nourrit [...]. Il serait vain de se cantonner au territoire, d’ignorer la multiplication des interférences et, par-delà, la complexité de cette ère nouvelle qui nous lie les uns aux autres, loin des considérations géographiques”. (MABANCKOU, 2012, p. 59)



Pinceladas da história de vida de Mabanckou e de sua visão sobre identidade aparecem na maioria de seus romances, segundo conta em diversas entrevistas. O livro de que trataremos neste artigo foi publicado em 2012 pelas *Éditions La Branche*, na França, recebendo o título *Tais-toi et meurs* [Cale-se e morra]. É considerado um thriller e nele Mabanckou explora o tema da imigração na figura do personagem de Julien Makambo, que imigra para Paris e passa a se chamar José Montfort.

Em suma, a história é a seguinte: acusado injustamente do assassinato de uma jovem, Julien (ou José) começa a escrever o relato de suas desventuras enquanto está na prisão, e é esse o livro que o leitor tem em mãos. Essa maneira de apresentar a história, escrita pelo próprio personagem como uma autobiografia, é bastante comum na obra de Mabanckou, podendo ser vista em outros romances como *Black Bazar* (2009), *Les petits-fils nègres de Vercingétorix* (2002), *Verre Cassé* (2005) e até mesmo em *Mémoires de Porc-épic* (2006), ainda que neste último o relato seja supostamente oral.

O livro apresenta também outras características comuns aos romances do autor, a saber: a narrativa circular, pouco linear, o uso do humor para tratar de temas sérios e os personagens marginais. A problemática identitária é mais uma vez central, assim como acontece em outros de seus livros.

No romance, o personagem de Julien Makambo sai do Congo para viver ilegalmente em Paris e lá conta com a ajuda de um compatriota, Pedro, para trocar de identidade, tornando-se José Montfort. Pedro é também o responsável por arranjar bicos e pequenos trabalhos temporários para Julien, porém fica subentendido que sua intenção não é das melhores. Não são tão amigos quanto pensa o narrador, está cada um por si, na verdade. Essa impressão se confirma quando Pedro diz que conseguiu um trabalho para o amigo, que ele deve arrumar-se para encontrar um sujeito importante. No entanto, tudo não passa de uma armação, que o leitor não sabe ao certo qual é, mas que acaba por levar Julien à prisão pelo assassinato de uma jovem loira da rua Canadá. Esse é o endereço que Pedro lhe entrega e, chegando lá, Julien vê seu amigo sair correndo do imóvel e a jovem despencar da janela, morta.

Logo no início da narrativa, o personagem se apresenta e revela que acredita que seu destino trágico já estava traçado desde sempre, devido ao significado de seu nome em lingala:



Me chamo Julien Makambo. Durante as semanas que se seguiram à minha prisão, e mesmo antes disso, quando eu estava ainda em fuga, minha cara e meu outro nome, José Montfort, ocuparam a primeira página da maioria dos jornais da França e de Navarre. Na nossa língua do Congo-Brazzaville, o lingala, Makambo significa “as dificuldades”. Ignoro o que deu em meus pais para me atribuir tal nome que não é aliás aquele de meu defunto pai, menos ainda aquele de alguém próximo da família. Estou agora convencido de que o nome que carregamos tem impacto sobre nosso destino. Se nessa sexta-feira 13 eu não tivesse ido ao restaurante L’Ambassade com Pedro para encontrar aquele que ele qualificou então de “tipo muito importante” vindo de Brazzaville, eu não estaria talvez em detenção provisória há um ano e meio nesta célula de Fresnes. Mas é assim, quando nos chamamos Makambo, as coisas não são tão simples. (MABANCKOU, 2012, ed. Kindle; aspas do autor).⁴

É como se o personagem se conformasse com seu destino, como se aceitasse essa identidade de assassino que lhe foi de alguma forma imposta. A conformidade de Julien com a situação não ocorre apenas devido a seu nome, mas também por sua condição de imigrante. Ao longo da narrativa, o personagem não luta contra a acusação de assassinato, apenas entende que deve fugir e se esconder. Isso reflete a postura de alguém já acostumado a sofrer preconceito e ser visto com maus olhos, o que é consequência da imagem que os europeus têm, comumente, a respeito dos imigrantes africanos. Além de imigrante, o personagem de Julien é negro, ou seja, possui a identidade de imigrante e a de negro, dificultando ainda mais a situação. Isso fica claro na cena em que Julien descreve o momento em que a moça cai da janela bem na sua frente:

escutei em seguida os ocupantes das redondezas soltar gritos de horror pelas janelas, gritar e apontar para mim com o dedo, alguns com os celulares grudados na orelha. Meus pés continuaram enraizados no chão enquanto a dor de meu corpo não me autorizava mais nenhum movimento. Entretanto era preciso se mexer, se afastar desse lugar (MABANCKOU, 2012)⁵

⁴ Tradução nossa. No original: “Je m'appelle Julien Makambo. Pendant les semaines qui ont suivi mon arrestation, et même bien avant, lorsque j'étais encore en cavale, ma tronche et mon autre nom, José Montfort, ont occupé la une de la plupart des journaux de France et de Navarre. Dans notre langue du Congo-Brazzaville, le lingala, Makambo signifie ‘les ennuis’. J'ignore ce qui avait piqué mes parents pour m'attribuer un tel nom qui n'est d'ailleurs pas celui de mon défunt père, encore moins celui d'un proche de la famille. Je suis maintenant convaincu que le nom qu'on porte a une incidence sur notre destin. Si ce vendredi 13 je ne m'étais pas rendu au restaurant L'Ambassade avec Pedro pour rencontrer celui qu'il qualifiait alors de ‘type très important’ venu de Brazzaville, je ne serais peut-être pas en détention provisoire depuis un an et demi dans cette cellule de Fresnes. Mais voilà, lorsqu'on s'appelle Makambo les choses ne sont pas aussi simples” (MABANCKOU, 2012, ed. Kindle; aspas do autor).

⁵ Tradução nossa. No original: “j’ai entendu ensuite les occupants des lieux pousser des cris d’horreur aux fenêtres, hurler et me montrer du doigt, certains avec des téléphones portables vissés à l’oreille. Mes pieds



Em um primeiro momento, a reação do personagem não é a de fugir, afinal não é ele o culpado. Na verdade, não tem reação nenhuma, estupefato com a situação toda. Porém sabe, instintivamente, que é preciso correr. Nessa primeira descrição o leitor já depara com o preconceito dos outros ao redor, que imediatamente começam a apontar para Julien. Na sequência, a acusação piora: “Foi só quando um dos moradores do imóvel, desde o terceiro ou quarto andar, proferiu insultos indecentes a meu respeito e jogou em minha direção uma panela, que eu me desprendi do torpor que me anesthesiava” (MABANCKOU, 2012)⁶ e “Escutei lá de cima ‘filho da puta!’, ‘negro sujo!’. Erguendo a cabeça, percebi que o mesmo morador tentava tirar uma foto minha com seu celular. Reencontrei subitamente a mobilidade de meus membros” (MABANCKOU, 2012).⁷

Parece existir no romance uma crítica implícita ao automatismo que leva as pessoas a assumirem que alguém é bandido/assassino apenas por sua cor de pele/classe social/status no país. Poderíamos argumentar que isso é um estereótipo grosseiro a respeito dos europeus, porém, usar o recurso do exagero, da amplificação e da ironia para tratar de temas difíceis é uma maneira de trazer leveza à narrativa, que se torna em alguns momentos bem-humorada. Essa estratégia é bastante comum na obra de Mabanckou, que diz em entrevista:

A ironia e o riso são armas temíveis que suscitam frequentemente muito mais uma reflexão do que uma abordagem rígida e séria. [...] Prefiro encenar o papel de clown que, por trás do riso, dissimula as verdades mais revoltantes. Um provérbio africano diz: “Se você quer saber a verdade, escute os loucos”. (MABANCKOU, 2009; aspas do autor)⁸

Ainda no âmbito da ironia, alguns elementos que compõem o absurdo da acusação contra Julien são, por exemplo, o fato de ele não suportar ver sangue — como poderia alguém

restaient enracinés au sol pendant que la douleur de mon corps ne m'autorisait plus aucun mouvement. Pourtant il fallait bouger, s'éloigner de cet endroit”. (MABANCKOU, 2012)

⁶ Tradução nossa. No original: “ce n'est que lorsqu'un des habitants de l'immeuble, depuis le troisième ou le quatrième étage, a proféré des insultes indecentes à mon égard et a projeté vers moi une casserole, que je me suis détaché de la torpeur qui m'anesthésiait”. (MABANCKOU, 2012)

⁷ Tradução nossa. No original: “j'ai entendu d'en haut ‘fils de pute!’, ‘sale négro!’. En levant la tête, je me suis rendu compte que le même habitant essayait de me prendre en photo avec son téléphone portable. J'ai retrouvé soudain la mobilité de mes membres”. (MABANCKOU, 2012)

⁸ Tradução nossa. No original: “L'ironie et le rire sont des armes redoutables qui suscitent souvent bien plus de réflexion qu'une approche stricte et sérieuse. [...] Je préfère jouer le rôle du clown qui, derrière le rire, dissimule les vérités les plus criantes. Un proverbe africain dit: ‘Si vous voulez savoir la vérité, écoutez les fous.’”
Acessível em: <<http://evene.lefigaro.fr/livres/actualite/alain-mabanckou-black-bazar-1807.php>>.



assim tornar-se assassino? — e de o assassinato ter ocorrido numa sexta-feira 13, dia mundialmente conhecido em referência a um filme de terror com o mesmo título. A construção do personagem é, então, completamente oposta à ideia clássica de um assassino e, portanto, imaginar que os outros o veem como principal suspeito causa incômodo ao leitor, colaborando para escancarar ainda mais o absurdo que é as pessoas o acusarem apenas por ele ser negro e imigrante.

É interessante fazer um paralelo com um trecho do livro de Zygmunt Bauman em que ele concede entrevistas Benedetto Vecchi, chamado *Identidade* (2005). Nele, o sociólogo analisa a questão da identidade baseando-se em sua própria experiência como imigrante. Diz que se sente o tempo todo deslocado, e conclui:

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (BAUMAN, 2005, p. 19)⁹

Ora, o que acontece com Julien é exatamente isto: recebe uma identidade inflada e lançada pelas pessoas ao seu redor e, então, deve imediatamente se explicar, se desculpar, se esconder, se defender. Sua condição de imigrante, que lhe confere essa sensação de deslocamento ou, como disse Hall (2006), de não ser inteiramente assimilado ou unificado pela nova cultura, faz com que sua reação imediata seja a de temer e fugir. Assim que consegue sair de seu estado de torpor, Julien corre para o metrô, onde relata: “Olhei de relance para os raros usuários sentados no fundo sem pousar o olhar sobre nenhum deles em particular. Como se eu temesse que alguém me reconhecesse e me agarrasse para me levar à Rua do Canadá diante do corpo da mulher” (MABANCKOU, 2012).¹⁰ Bauman (2005) diz que na modernidade “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas” (BAUMAN, 2005, p.22), e é isso que vemos no drama do narrador quando se percebe envolvido no crime.

⁹ BAUMAN, Z & VECCHI, B. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

¹⁰ Tradução nossa. No original: “j’ai balayé du regard les rares usagers assis dans le fond sans poser les yeux sur l’un d’eux en particulier. Comme si je craignais que quelqu’un me reconnaisse et m’attrape pour me ramener rue du Canada devant le corps de la femme”. (MABANCKOU, 2012)



Pega suas coisas no apartamento onde mora com mais 5 imigrantes e se refugia num hotel, em outro bairro. Na hora do almoço, começa a conversar com um homem, que se mostra muito simpático e lhe faz perguntas pessoais: de onde você vem? Onde mora? O narrador se atrapalha nas explicações pois, tentando não revelar sua identidade, a essa altura já em todos os noticiários da televisão, inventa outra resposta e não consegue sustentá-la. Quando o recém-conhecido percebe, pergunta quem ele realmente é, e Julien desabafa: “Não sei. De verdade, não sei mais.” (MABANCKOU, 2012).¹¹ Percebe-se, nessa cena, que o personagem sofre do que Hall (2006) chama de “duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2006, p.9), uma vez que é visto pela sociedade — “mundo social e cultural” — como um assassino e, conseqüentemente, passa a questionar sua identidade no âmbito pessoal, oscilando entre José, imigrante, e Julien, congolês, o que agrava sua “crise de identidade”.

Seu dilema identitário é alavancado devido ao incidente na Rua do Canadá, mas já está instalado em sua trajetória desde que imigra ilegalmente para a França e recebe o novo nome. Nessa época, diz preferir chamar-se José Montfort, que não carrega em si um significado tão ruim quanto o seu nome Makambo. Depois, porém, quando se vê fugitivo, passa a repensar sobre o assunto. No sexto dia após o assassinato, diz: “Me olhando no espelho fiz um brusco movimento de recuo. Entretanto era bem eu. Eu quem? Julien Makambo ou José Montfort?” (MABANCKOU, 2012).¹² Ser Julien Makambo ou José Montfort passa a carregar em si um significado maior do que a simples mudança de nome. Qual dos dois estava sendo acusado de assassinato? Em outro momento, quando já está na prisão, elabora mais: “Em Fresnes, mesmo se somos apenas números, eu sei que fui detido como José Montfort. Um pouco como se Julien Makambo estivesse lá fora, livre de seus movimentos, e tivesse deixado a José Montfort o encargo de sofrer as conseqüências de suas desventuras.” (MABANCKOU, 2012).¹³ Fica claro que, apesar de ter mudado de nome e assumido a identidade de José, o narrador nunca esqueceu por completo seu verdadeiro nome, suas raízes congolêsas. Hall (2006) diz que os escritores migrantes são “o produto das *novas diásporas* criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar

¹¹ Tradução nossa. No original: “Je ne sais pas. Vraiment je ne sais plus”. (MABANCKOU, 2012)

¹² Tradução nossa. No original: “en me regardant dans le miroir j’eus un brusque mouvement de recul. Pourtant c’était bien moi. Moi qui? Julien Makambo ou José Montfort?”. (MABANCKOU, 2012)

¹³ Tradução nossa. No original: “À Fresnes, même si nous ne sommes que des números, je sais que je suis détenu en tant que José Montfort. Un peu comme si Julien Makambo était dehors, libre de ses mouvements, et avait laissé à José Montfort le soin de subir les conséquences de ses mésaventures”. (MABANCKOU, 2012)



duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 2006, p. 89; grifos do autor), e podemos pensar no personagem de Julien da mesma forma: apesar da mudança de nome, não se desfaz completamente de uma identidade para assumir outra, mas sim passa a conviver com ambas, negociando entre elas. Atribuir a José a culpa pelo homicídio é a maneira que encontra de conviver com essa nova realidade, na qual ele é visto como culpado por algo que não fez. Existem, pois, duas identidades centrais: Julien, o congolês, e José, o fugitivo, o imigrante. Junto a elas, ainda flutuam outras identidades, por exemplo a identidade negra, também bastante forte.

Em dado momento, enquanto ainda está escondido no hotel, Julien assiste uma mesa redonda na tv em que três políticos discutem o caso da rua do Canadá. Um deles, reacionário, diz que a solução é reestabelecer a pena de morte e acabar com os direitos dos imigrantes criminosos. Outro, de esquerda, replica:

José Montfort não cometeu um assassinato porque ele é imigrante! A criminalidade não está nada ligada ao status do indivíduo em um território, senão os franceses que seu partido qualifica perigosamente de “raiz” não cometeriam nenhuma infração nesse país. Por que o imigrante deveria merecer a nacionalidade francesa enquanto não se exige nada da parte dos franceses aos quais o senhor se refere?” (MABANCKOU, 2012; aspas do autor)¹⁴

Essa e outras cenas em que o personagem rememora algum acontecimento em sua comunidade congolês em Paris evidenciam as críticas que Mabanckou faz às políticas de imigração europeias, e fazem o leitor pensar em seu próprio posicionamento em relação ao assunto. Sempre, como vimos, pela via do humor e do exagero.

O romance apresenta estrutura pouco linear, conforme mencionado no começo deste artigo, que é apresentada ao leitor sob a forma de lembranças. Logo, a narrativa mistura recordações da vida de Julien em Paris, junto à comunidade de imigrantes, com outras do dia do assassinato e, ainda, com seu relato dos momentos dentro da prisão, onde revela suas angústias futuras e sua rotina encarcerada. O leitor, portanto, logo sabe que Julien acaba

¹⁴ Tradução nossa. No original: “José Montfort n’a pas commis un meurtre parce qu’il est immigré! La criminalité n’est pas du tout liée au statut de l’individu sur un territoire, sinon les Français que votre parti qualifie dangereusement de ‘souche’ ne commettraient aucune infraction dans ce pays. Pourquoi l’immigré devrait-il mériter la nationalité française pendant qu’on n’exigerait rien de la part des Français auxquels vous pensez?”. (MABANCKOU, 2012)



preso, pois o personagem escreve desde a prisão já no começo do livro, mas demora a saber como aconteceu sua detenção.

O clima de suspense se mantém até o final do romance, quando finalmente é elucidado o que ocorreu naquela sexta-feira 13. O desfecho é revelado por Shaft, o homem que tinha lhe arranjado a identidade falsa de José. Um dia, ainda no hotel, Julien recebe a visita de Shaft, que diz que conseguiu encontrá-lo facilmente e que se sente responsável por essa história, já que foi ele quem deu a identidade de José Montfort a Julien. Então, declara que é preciso que ele morra e renasça, simbolicamente, ou seja, que troque mais uma vez de identidade e se entregue à polícia, dizendo-se culpado, ao que Julien responde: “— Eu não quero morrer, mesmo de maneira simbólica...” e Shaft retruca: “— É preciso. É sempre assim, e quando você renascer você será ainda mais forte.” (MABANCKOU, 2012).¹⁵

Shaft, que se sente como o criador de José, diz que se ele seguir seu conselho e cumprir a pena, quando estiver novamente livre ele o ajudará a se reintegrar. Enquanto Julien tenta assimilar as novas informações, bastante surpreso, Shaft continua sua explicação, desvelando que seu novo nome será Pedro Bolowa, que é o nome verdadeiro de Pedro. Ao mesmo tempo, outro camarada ganhará a identidade de José Montfort e se apresentará à polícia depois que ele já tiver se entregado, e explicará que era ele que estava de terno verde no dia do homicídio e, uma vez o culpado já tendo sido pego, José Montfort estará livre.

Nesse momento, completamente atordoado com essas revelações, o narrador se volta à sua identidade de origem, ao dizer: “— Shaft, não quero mais que você me chame de José a partir de agora.../ — Você tem razão, já que agora você é Pedro Bolowa./ — Não, eu não sou Pedro Bolowa, eu sou Julien Makambo...” (MABANCKOU, 2012).¹⁶ É apenas nessa cena que Julien sai enfim do torpor inicial e encara a situação de frente, sem fugir e esconder-se.

Segundo Shaft, essa é a forma que ele e os outros da comunidade encontraram para todos terem paz novamente. Enfim, Julien se dá conta que foi tudo uma grande armação de Shaft, envolvido na história de um casal, um congolês e uma francesa, que tinham se apaixonado e não eram aceitos pelo pai do rapaz, um importante ministro do Congo desconfiado em relação à França, querendo preservar custe o que custasse os valores e

¹⁵ Tradução nossa. No original: “- je ne veux pas mourir, même de façon symbolique.../ - il le faut. C’est toujours comme ça, et lorsque tu renaîtras tu seras encore plus fort”. (MABANCKOU, 2012)

¹⁶ Tradução nossa. No original: “- Shaft, je ne souhaite plus que tu m’appelles José à partir de maintenant.../ - Tu as raison, puisque tu es maintenant Pedro Bolowa./ - Non, je ne suis pas Pedro Bolowa, je suis Julien Makambo...”. (MABANCKOU, 2012)



tradições de seu país. Oferece uma grande quantia de dinheiro para que Shaft termine com o relacionamento do filho com a moça, que é enfim a mulher assassinada na rua do Canadá.

A história contada por Shaft mostra o outro lado da moeda, quer dizer, se por um lado existe o preconceito contra os imigrantes e Julien é tido como culpado devido a essa condição, do outro lado existe o receio ou a desconfiança dos imigrantes em relação à grande potência. É uma trama quiçá exagerada, mas que revela os questionamentos inseridos nas comunidades imigrantes e suas consequências.

Shaft, dissimulando importar-se com Julien e fingindo ajudá-lo, na verdade nada mais faz do que ameaçá-lo e acabar com qualquer possibilidade de salvação. Arremata assim: “Se você recusa sua morte simbólica, se você faz rolar as pessoas da comunidade, você precisa procurar exílio na lua, pois aqui em Paris nós te acharemos, e no país, meu amigo Ministro do Interior arrancará sua pele e a pele de toda a sua família. Lá é ele o rei.” (MABANCKOU, 2012).¹⁷

Conclusão

Hall (2006) nos lembra que, na sociedade pós-moderna, o significado de “ser europeu” ou “ser americano”, enfim, a identidade nacional é um conceito mais movente, justamente devido à mistura de culturas e pessoas que circulam de uma nação a outra. Ele questiona: “É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?” (HALL, 2006, p.84).

No romance *Tais-toi et meurs*, essa questão é discutida a partir da visão do personagem de Julien, envolvido numa trama complexa em que se destaca não apenas o drama identitário em si, mas também as dificuldades sentidas pelos imigrantes de se inserir na sociedade francesa. Pouco aceitos, têm de se submeter a bicos ou trabalhos sujos, que por fim acabam por reforçar os problemas, ao invés de solucioná-los. As identidades, no contexto do livro, são tão fluidas que podem ser trocadas várias vezes, sendo o personagem de Shaft o responsável por essa movência que aparentemente é fácil de ser executada. As consequências, no entanto, não são fáceis nem desejáveis. Julien, por sua vez, é um personagem pouco

¹⁷ Tradução nossa. No original: “si tu refuses ta mort symbolique, si tu fais couler les gens de la communauté, tu as intérêt à chercher un exil sur la lune car ici à Paris nous te retrouverons, et au pays, mon ami le ministre de l’Intérieur aura ta peau et celle de toute ta famille. Là-bas c’est lui le roi”. (MABANCKOU, 2012)



assertivo, se deixa influenciar e levar pelas mais diversas situações. Em consequência, perde a noção de quem é, chegando a dizer que: “Eu não sei mais quem, de Julien ou de José, está escrevendo estas linhas. Ousaria dizer que é José. Por outro lado José não pode existir sem Julien — e vice-versa. No fundo, isso mostra que ignoro doravante quem eu sou, e mais ainda quem serei amanhã” (MABANCKOU, 2012).¹⁸

Ao longo da narrativa vemos Julien sempre dividido entre suas duas identidades, postas em cheque no momento em que se torna fugitivo, ou seja, no instante em que ganha uma nova identidade, imposta de fora. Tenta, então, associar uma identidade a essa nova figura que se impõe, a de fugitivo, com o intuito de livrar-se da culpa — por um crime que ele nem mesmo cometeu — e de aliviar sua sensação de deslocamento.

É quando Shaft lhe propõe de assumir o nome de Pedro Bolowa que o narrador, enfim, parece se dar conta de quem realmente é. Percebe o absurdo da situação que lhe está sendo imposta e se volta a si mesmo, declarando pela primeira vez no romance sua opinião de maneira firme. Ele é Julien Makambo, não é José nem Pedro, e quer ser chamado por seu verdadeiro nome. É, no entanto, também bastante ingênuo, pois não imagina que sua vontade de dizer a verdade não será suficiente. Logo é preso, denunciado por Shaft e seus comparças, e se vê confrontado mais uma vez, na prisão, por suas múltiplas identidades.

Por fim, o romance termina com seu advogado lhe dizendo, na prisão, que acharam o verdadeiro culpado, Bonaventure, que se entregou e confessou tudo. Bonaventure era um dos amigos que morava com Julien, e fica evidente que ele também foi vítima dos planos de Shaft e de Pedro mas, diferente de Julien, acabou por aceitar o acordo de se entregar e ser protegido após cumprir a pena. O narrador, ao contrário, será solto, mas está jurado de morte pela comunidade. O impasse parece mostrar que, além de sua identidade pessoal, existe a identidade da comunidade, e se você não segue as regras e joga o mesmo jogo que os outros, não sobreviverá. A contradição entre intercambiar identidades facilmente e se agarrar a uma identidade de grupo, extremamente forte e com valores arraigados, é reflexo da complexidade da questão no mundo pós-moderno, em que a identidade pessoal é chacoalhada pelo hibridismo próprio à globalização e, ao mesmo tempo, a identidade nacional, também ela chacoalhada, tenta se manter presa, de alguma forma, a uma sensação de pertencimento. Em

¹⁸ Tradução nossa. No original: “Je ne sais plus qui, de Julien ou de José, est en train d’écrire ces lignes. Je serais tenté de dire que c’est José. D’un autre côté José ne peut pas exister sans Julien – et vice-versa. Au fond, cela montre que j’ignore désormais qui je suis, et plus encore qui je serai demain”. (MABANCKOU, 2012)



outras palavras, o impasse identitário visto no romance reflete o que Hall (2006) diz se tratar da “tensão entre o ‘global’ e o ‘local’ na transformação das identidades” (HALL, 2006, p.76), quer dizer, há uma tensão entre a identidade global de Julien, como cidadão imigrante em solo francês, e sua identidade local, vinculada à comunidade congoleza. Também é possível pensar na trama da história como uma versão exagerada e dramática que nos faz lembrar do que Bauman (2005) diz:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17; aspas do autor)

No que diz respeito às semelhanças entre Julien e o próprio Mabanckou, podem-se ver claramente duas: ambos são congolezes e imigrantes. Ademais, muitos dos diálogos presentes no romance acerca da questão da imigração apresentam ideias compartilhadas pelo autor em entrevistas diversas, o que revela a mescla entre biografia e ficção que acreditamos estar presente em muitas de suas obras. No entanto, vale ressaltar que as características autobiográficas percebidas não devem ser vistas como limitadoras do sentido da leitura, como se sua escrita fosse mero reflexo de sua vida pessoal. Entende-se que a literatura não é funcional, entretanto parece ter existido influência da biografia de Mabanckou em sua trajetória como escritor, o que, por fim, reafirma uma vez mais o que foi discutido até aqui: a identidade na pós-modernidade não é única e pré-determinada, mas antes formada por uma “rede de conexões” (BAUMAN, 2005, p.37), e é por intermédio dessas conexões que Mabanckou elabora seu processo criativo. Terminamos com uma citação do autor, que explica:

[...] estou cada vez mais persuadido de que o deslocamento, o cruzamento das fronteiras, nutre minhas angústias, contribui para dar forma a um país imaginário que, finalmente, se parece com a minha terra de origem. É a minha própria busca interior, minha maneira de conceber o universo. Eu escolhi não me fechar, dar ouvido ao barulho e ao furor do mundo, jamais considerar as coisas de maneira fixa. Não me tornei escritor porque emigrei. Porém, adquiri outro olhar sobre a minha pátria uma vez distanciado dela. [...] A emigração contribuiu para reforçar em mim essa inquietude que



institui aos meus olhos todo processo criativo. (MABANCKOU, 2012, p.131-132)¹⁹

Referências

BAUMAN, Z & VECCHI, B. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MABANCKOU, A. *Tais-toi et meurs*. Paris: Éd. La Branche, 2012. (ed. Kindle)

_____. *Le sanglot de l'homme noir*. Paris: Fayard, 2012.

Sites:

Le Figaro - Entrevista com Alain Mabanckou. *Puzzle identitaire*. Disponível em: <<http://evene.lefigaro.fr/livres/actualite/alain-mabanckou-black-bazar-1807.php>>. Acesso em 07 nov. 2016.

Le Monde - *Pour une "littérature-monde" en français*. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html>. Acesso em 07 nov. 2016.

Recebido em: 15/09/2016

Aceito em: 30/09/2016

¹⁹ No original : “je suis de plus en plus persuadé que le déplacement, le franchissement des frontières, nourrit mes angoisses, contribue à façonner un pays imaginaire qui, finalement, ressemble à ma terre d’origine. Il y va de ma propre quête intérieure, de ma façon de concevoir l’univers. J’ai choisi de ne pas m’enfermer, de prêter l’oreille au bruit et à la fureur du monde, de ne jamais considérer les choses de manière figée. Je ne suis pas devenu écrivain parce que j’ai émigré. En revanche, j’ai posé un autre regard sur ma patrie une fois que je m’en suis éloigné. [...] L’émigration a contribué à renforcer en moi cette inquiétude qui fonde à mes yeux toute démarche de création”. (MABANCKOU, 2012, p.131-132)

